

# PROCESSO LINGUISTÍCO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO INTERACIONISMO DIALÓGICO

*Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho\**

*Glória Maria Monteiro de Carvalho\*\**

*Maria de Fátima Vilar de Melo\*\*\**

**Resumo:** Este estudo propõe-se a compreender o processo de aquisição e funcionamento da escrita em crianças recém-inseridas no universo linguístico. Para isso, refletiu-se sobre o processo de Aquisição da Linguagem a partir de pesquisas filiadas ao Interacionismo Dialógico de base estruturalista, ressignificado pela Psicanálise Lacaniana. Para esta análise foram selecionados dois textos produzidos por uma criança de quatro anos, que conhece as letras, mas que não as fonetiza. Ao final, percebeu-se que, embora ainda não alfabetizada, a criança escreve a partir de uma cadeia de significantes aos quais atribui significado. Com isso, a criança revela conhecer a sistematicidade e o funcionamento da escrita no processo linguístico da língua.

\*  
\*\*  
\*\*\*  
Universidade  
Católica de  
Pernambuco

**Palavras-chave:** Aquisição da linguagem, Interacionismo, Aquisição da Escrita.

---

## SUJEITO E ESCRITA: uma relação histórico-social

A relação sujeito-escrita está marcada pela inserção do homem no universo simbólico, em que o sujeito é um lugar

de significação historicamente constituído, prova disso é o fato de que os mais diversos eventos sociais requerem inscrições na escrita.

Segundo Olson (1994), na história da escrita, é revelado que representações gráficas como marcas



numéricas e desenhos já eram empregados no dia a dia de povos do neolítico. Essas representações evoluíram conforme a exigência do novo perfil de sociedade, que passou a usar sinais geométricos para indicar propriedade, além de outros códigos gráficos como bastões entalhados, cordões com nós, emblemas, selos, postes totêmicos, escudos de armas, estandartes e sinais religiosos.

Olson (1994), afirma que a evolução da escrita iniciou-se

com a escrita pictórica que expressava as ideias diretamente, seguida pelos sistemas de escrita baseados em palavras, depois pelos sistemas silábicos, inclusive os silábicos sem vogais, isto é, os sistemas apenas consonantais, e terminando com a invenção do alfabeto pelos gregos. (OLSON, 1994, p. 82-83)

Diante dessa evolução, os sistemas de escrita, que antes representavam “coisas” que se transformavam em signos, passaram dos ideogramas aos fonemas numa tentativa de chegar a um sistema de escrita que representasse, de acordo com Olson (1994), explicitamente e adequadamente as práticas orais.

Nessa concepção, escrita como representação da oralidade,

várias teorias foram formuladas ao longo do tempo a fim de compreender como se dá a inserção do sujeito na linguagem – oral e escrita - e de como as revoluções conceituais, no campo da linguagem, têm provocado mudanças no funcionamento da fala e da escrita.

Para uma aproximação à pesquisa do processo de aquisição da linguagem escrita, na contemporaneidade, faz-se necessário entender, nos estudos postulados pela teoria construtivista e pelo interacionismo dialógico de base estruturalista, como ocorre o fenômeno da aquisição da escrita.

## **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM:**

### **algumas perspectivas teóricas**

No processo de aquisição da linguagem escrita, teorias sobre alfabetização, filiadas à filosofia clássica, têm compreendido a escrita, segundo Borges (2010), como representação gráfica da linguagem oral. Dentre essas, destacam-se as propostas fundamentadas nos estudos de Jean Piaget que, aportado na Psicologia Cognitiva, postula princípios de uma teoria do desenvolvimento, em que a noção de representação ocupa lugar importante na Aquisição da Linguagem.





Para esta perspectiva, a alfabetização consiste, de acordo com Borges (2010), no processo cognitivo de construção conceitual da escrita, em que a língua escrita é concebida como objeto de conhecimento pertencente a um sujeito epistêmico que “reconstrói as concepções [...] sobre determinados objetos” (REGO, 1994, p. 20), desempenhando, assim, um papel ativo no aprendizado.

Filiada à psicologia cognitiva está a pedagoga e psicóloga argentina Emília Ferreiro, que também compreende a escrita como representação da oralidade. Nesse entendimento, Ferreiro leva, consoante Borges (2010), para o campo da alfabetização algumas questões levantadas por Piaget, dentre elas, como a criança chega a dominar as técnicas e procedimentos para agir e construir os objetos de conhecimento.

Dessa forma, Ferreiro (1985) se interessa em compreender as estruturas que são ativadas para a assimilação das regras de composição da escrita. Para tanto, suas investigações consistem em saber o que a escrita representa e como representa. Em seu trabalho *Psicogênese da Língua Escrita* (1985), Ferreiro assinala que, a partir

do momento em que a criança é inserida no processo de alfabetização, ela passa por diferentes fases da escrita, desde a dificuldade de relacionar letras e sons (pré-silábica) até o domínio da correspondência entre fonemas e grafemas (alfabética). Diante disso, Ferreiro (1985) passa a entender que o processo de alfabetização se constrói progressivamente numa correspondência grafofônica, termo a termo, cabendo à criança construir o objeto da escrita como uma representação da linguagem oral.

Analisando esta concepção de aquisição da linguagem, Borges (2010) afirma que os experimentos desenvolvidos por Ferreiro, embora se apresentem como um não reconhecimento da sistematicidade da língua, revelam que, ao escrever, a criança constrói encadeamentos de letras, sendo a composição da palavra escrita realizada por meio de uma correspondência termo a termo. Esse fenômeno, no entendimento de Borges, “indica que o ‘objeto-escrita’ já saiu de uma evanescência puramente imaginária para a organização simbólica da escrita” (BORGES, 2010, p. 94), o que faz essa autora recorrer ao trabalho desenvolvido, no início da década de



1990, por Cláudia de Lemos, cuja questão central consiste em compreender, através do Interacionismo de base estruturalista, a sistematicidade e o funcionamento da língua na criança. Nesse sentido, Lemos recorre às formulações conceituais da Psicanálise lacaniana sobre a constituição do sujeito.

Lacan (1983) considera que a linguagem é o elemento central na constituição do sujeito, porquanto a linguagem pré-existe ao sujeito antes mesmo de seu nascimento, quando a criança é dado um nome por meio do qual será reconhecido. Nessa direção, a constituição do sujeito articula-se ao plano social, vez que “apesar de a criança não ter ainda acesso à sua própria fala, ela é falada pelos outros, ela já surge num lugar marcado simbolicamente” (GARCIA-ROZA, 1992, p. 213).

Diante disso, o sujeito nasce marcado por um discurso que o insere na ordem humana, cujas condições de inserção são criadas pelo outro, geralmente, um adulto próximo que, segundo Elia (2010), ao cuidar da criança, acaba por introduzi-la na ordem simbólica de representações sociais e culturais. Nessa compreensão, Lacan propõe,

conforme Elia (op. cit.), a categoria de Outro (com “o” maiúsculo) para assinalar tanto o adulto cuidador, quanto “a ordem que este adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena do mundo já humano, social e cultural” (2010, p. 37).

Ao observar que o sujeito se constitui a partir da relação criança-adulto-Outro, Lacan formula a tese do *estágio do espelho*, em que a criança estabelece um tipo de relação com seu semelhante a partir da “demarcação de si por um processo de identificação ao outro” (GARCIA-ROZA, 1992, p. 213). Essa relação especular indica, conforme Garcia-Roza (op. cit.), que a criança ainda não possui uma subjetividade humana, vez que essa fase de identificação e alienação à imagem do outro pertence ao registro imaginário. No entanto, quando “a criança ingressa na Cultura, na ordem das trocas simbólicas” (1992, p. 216), ela rompe a relação dual que mantinha com o outro/adulto e passa a seguir a lei da ordem simbólica, ministrada pelo Outro.

Sendo assim, a constituição do sujeito se dá a partir de seu encontro com o Outro, da ordem simbólica,





mediado pelo outro (com “o” minúsculo) da alteridade.

Ante a essa compreensão, Borges assinala que a “constituição do ‘objeto-escrita’ na criança se dá na passagem pela escrita do Outro, pela via do ‘espelho’, ou seja, das apropriações e capturas significantes” (BORGES, 2010, p. 99). Nesse sentido, a criança, quando colocada em situações de leitura e escrita de textos, “revive” o estágio do espelho, vez que inserida na escrita a criança encontra a realidade de si nos textos do outro, já que “escrever para a criança é essencialmente uma atividade de imitação” (BORGES, 2010, p. 98), por isso a escrita não pode ser determinada, consoante essa autora, por processos lógicos, mas pela palavra ou interpretação do outro.

Nesse processo, o papel do outro (adulto/interlocutor) seria o de intérprete que, interrogando a criança sobre o sentido do que “escreveu”, oferece-se, de acordo com Lemos (1995), ao mesmo tempo como outro semelhante e como diferente que

insere a criança na ordem linguístico-discursiva da língua.

## **AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO DIALÓGICO**

Para o entendimento do processo de aquisição da escrita pela criança, tomamos, neste estudo, os textos de Cláudia de Lemos (1992 e 1995) e Sônia Borges (2006 e 2010), assumindo assim, a proposta do *interacionismo dialógico*, nova base teórica que trata da interação entre a criança e o adulto, em que o Outro da teoria psicanalítica é tomado como lugar do funcionamento da língua ocupado pelo outro (semelhante).

Segundo Lemos (1995), para tratar a aquisição da escrita como transformação ou mudança que se opera através do funcionamento da ordem simbólica, o que se tem em mente é o sujeito e objeto como efeitos desse funcionamento. Isso significa, para essa autora, que não se parte da interação sujeito-e-objeto, mas da linguagem, diferente da concepção piagetiana que concebe a linguagem como um real estruturado,



fora do sujeito. Para Borges, imaginar que a criança precise representar logicamente as estruturas da língua para conhecê-la “é negar os efeitos da subjetividade e dizer que o sujeito está sob o domínio das estruturas, que está no lugar do objeto” (BORGES, 2010, p. 99). Ante a esse entendimento, o interacionismo dialógico questiona a concepção de escrita como representação da linguagem oral postulada, principalmente, pelo construtivismo e considera a alfabetização como um fato de linguagem. Nessa perspectiva, Lemos (1992) aponta o funcionamento da linguagem como lugar privilegiado para a fala da criança e a interação com o outro (semelhante) como condição necessária à aquisição da linguagem, em que o universo discursivo no qual a criança está inserida é, conforme Borges (2010), determinante de sua fala e condição de sua interpretação.

### **ANÁLISE DO CORPUS**

O *corpus* desta análise é constituído por dois textos *escritos* por

uma criança de quatro anos que conhece as letras, mas não consegue fazer a *correspondência entre a grafia e o som*. Para entender a escrita desta criança, tomamos o texto “A aquisição da escrita como processo linguístico” (Borges, 2006), no qual essa autora afirma que a criança, no processo de aquisição da escrita, conduzida pelo adulto, é colocada em contato com textos, fazendo com que o sujeito da Psicologia, do conhecimento, ceda espaço ao da Psicanálise, o qual é “alienado ao discurso do Outro” (BORGES, 2006, p.149), em que o Outro, segundo Lacan (1983), corresponde ao lugar do simbólico, da linguagem.

Lemos (1992) diz que as produções escritas iniciais da criança podem ser interpretadas como funcionamento da língua (no sentido estrutural), permitindo, assim, a atividade “da linguagem sobre a linguagem” (LEMOS, 1992, p. 132).

Diante disso, busca-se, nos registros a seguir, compreender o funcionamento da escrita infantil.



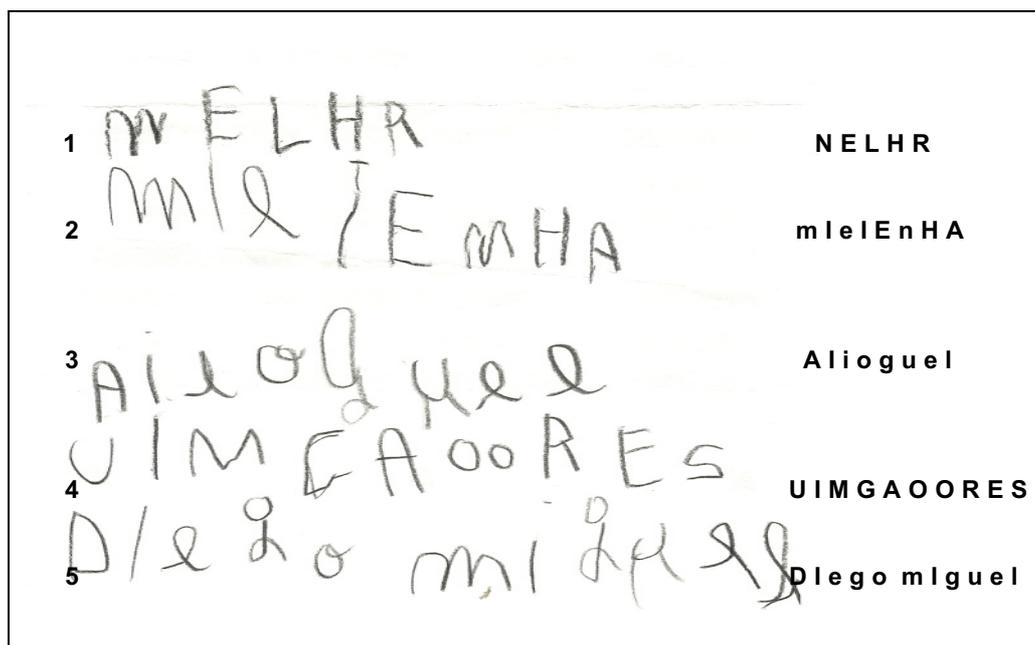


FIGURA 1

**Leitura da criança**

“Ela uma vez uma menina qui:: foi pá casa da VOvozinha dela

Aí...aí... aí... ((a criança interrompe a “leitura” para reclamar com o irmão mais velho que tenta atrapalhá-la)) a:: mãe dela mandou levar os doces pá vovozinha dela aí:: a mãe disse pá ela pá ela ir de um lado, aí, aí ela FOi seguiu pelo lado da folesta que o lobo mandou, aí... aí... ela disse que foi pá casa da vovozinha, aí o lobo chegou pimeilo ( )

Aí o LObo mau CUmeu a vovozinha, aí quando ele cumeu, vistiu o da vovozinha, verdade.

Aí como chegou o lobo mau, aí a Chapeuzinho Vermelho disse assim:

- qui zolhos tão grande você tem

Aí depois foi:

- qui:: naliz tão gande você tem.

- é pá te cheilá melhor. - Aí

- qui olelhas tão gande você tem.

- É pá te ouvir melhor.

- Que boca gande você tem.

- É pá te coMÊÊÊ.



Aí ela escondeu LOgo no armálio. Aí:: quando iscodeu no armálio, aí o lobo pegou no sono. Aí o caçador viu, aí o caçador cortô a barriga dele, do lobo, aí ele tava sintinu a vovozinha, aí quando cortô, encheu de pedas, aí:: folam felizes pala sempe.”

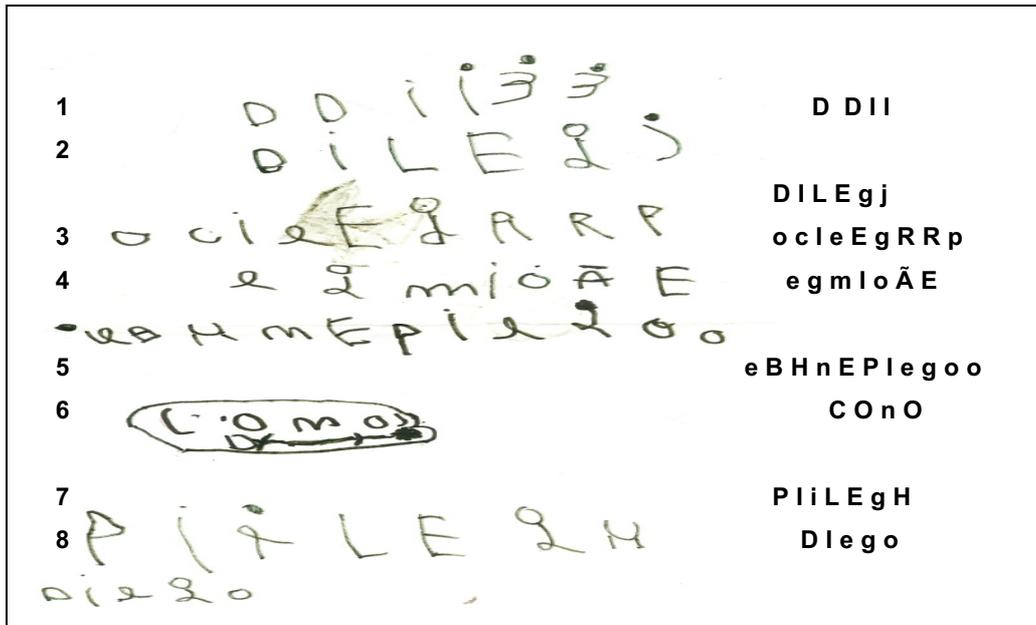


FIGURA 2

Na perspectiva das investigações desenvolvidas por Ferreiro (1985) acerca do processo de alfabetização, pode-se notar neste *corpus* o que essa estudiosa classificou como escrita pré-silábica, porquanto nessa fase a criança reconhece algumas letras, sobretudo as que compõem o seu nome e utiliza-as na tentativa de escrever várias palavras diferentes.

No entanto, o que chama atenção é que a combinação de letras dispostas na folha segue o curso de linhas retas e paralelas causando o

efeito de que a criança “conhece” a organização e segmentação das palavras em um texto. Segundo Borges (2010), esse fenômeno seria o “efeito do outro-discurso (escrito)” (p. 106) sobre a escrita da criança.

Para o interacionismo dialógico, esse “efeito do outro” no texto da criança está relacionado ao estágio do espelho, abordado anteriormente, pois a criança alienada a imagem dos textos do outro tenta imitá-lo para assim tornar-se autônoma em sua escrita. Nessa busca pela autonomia da escrita, a





criança escreve a partir de um jogo gráfico de “combinatórias de letras que não constituem palavras da língua constituída, mas que têm sistematicidade mesmo que, com efeito, *nonsense*.” (BORGES, 2006, p. 150).

Ao ser solicitado a fazer uma leitura do que “escreveu”, a criança inicia com a expressão “Era uma vez”, e passando o dedo indicador direito sobre a folha, num movimento linear da esquerda para a direita, simulando a leitura do conto *Chapeuzinho Vermelho*, fenômeno que nos remete à afirmação de Borges (2010) de que o processo de alfabetização implica necessariamente a representação simbólica. Sendo necessário, para isso, “que a criança represente a língua escrita pela constituição de um simulacro que, de certo modo, confere-lhe estabilidade, ainda que imaginária” (BORGES, 2010, p. 98).

Na figura 1, linha 1, observa-se a grafia dos segmentos NELHR, numa representação da palavra “vermelho”, na linha 2, MIEIENHA simbolizando a palavra “menininha” e, UIMGAOORES para representar a palavra “caçadores”. Neste sentido, os significantes presentificados na escrita da criança apresentam-se como formas isoladas, cuja significação é

dada, consoante Lemos (1992), na proporção em que a criança ressignifica suas produções e assume a posição de intérprete de si mesma e do outro.

Assim como na análise de Borges (2006), acerca dos textos escritos por *Ráimora Rodrigues*, observa-se na escrita desta criança o frequente aparecimento das letras que compõem o seu nome: *Diego Miguel*, havendo variação na disposição da sequência, tamanho e tipo de letra, podendo ser observada na segunda linha, da figura 1, a série: *m, l, e, l, E, n, H, A* e na terceira linha, da mesma figura, o seguimento: *A, l, i, o, g, u, e, l*, em que há uma variação entre letra cursiva e a letra de imprensa.

Tal acontecimento remete-nos à concepção lacaniana do signo, em que o significante exerce autonomia sobre o significado, dado que esta criança desliza de significante em significante, dando ênfase aos significantes E, I, G e M, que compõem seu nome próprio, o que confirma que ela já rompeu a relação especular que mantinha com o outro e fez sua passagem do imaginário ao simbólico, constituindo-se como um “eu” que se afirma pela presença de seu nome próprio.





Nessa direção, é possível observar que a criança, quando colocada em situações de leitura e escrita que não priorizam a correspondência entre grafemas e fonemas, escreve a partir de uma cadeia de significantes, que, se analisados sob a ótica do interacionismo dialógico, podem “ser interpretados como efeitos da linguagem sobre a própria linguagem” (LEMOS, 1992, p. 167).

Esse tipo de escrita faz com que Borges (2006, 2010), em suas análises, reporte-se aos estudos de Saussure, Lacan e Cláudia de Lemos, resultando no entendimento de que “o papel do Outro, na constituição da escrita da criança, não se limita ao de provedor de unidades que se acrescentariam como unidades isoladas às que já são do seu domínio” (BORGES, 2010, p. 120), uma vez que a escrita de unidades gráficas convencionais pela criança já é resultado de sua relação com a ordem simbólica da linguagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao eleger, neste trabalho, a análise de uma escrita desvinculada

dos estudos que consideram a alfabetização como representação da fala, foi possível entender que a sistematicidade da língua não se reduz à correspondência grafofônica, embora seja possível verificar, neste caso, que a criança se preocupa em associar a palavra ao nome, como percebido na figura 1, quando a criança escreve UIMGAOORES para representar a palavra “caçadores”. Nesse sentido, o interacionismo dialógico, busca, no estruturalismo europeu e na psicanálise, entender a noção de ressignificação e o papel da alteridade no processo de aquisição da linguagem – oral e escrita.

Diante disso, percebeu-se, por meio da análise de uma escrita espontânea, o que Borges (2006) chamou na escrita inicial da criança de “feixes de relações”, uma vez que as crianças ainda não alfabetizadas, mas que (re)conhecem as letras do alfabeto, escrevem a partir de uma cadeia de significantes. Sendo assim, ao escrever, a criança entra na ordem simbólica e dá sentido ao funcionamento linguístico da escrita.





## WRITING ACQUISITION LINGUISTIC PROCESS UPON THE DIALOGIC INTERACTIONISM

### Abstract

This study proposes to understand the writing acquisition process and operation in children in newcomer in the linguistic universe. For this, it was reflected on the Language Acquisition process from the researches affiliated to the Dialogical Interactionism structuralism base, resignified by Lacanian Psychoanalysis. For this analysis were selected two texts produced by a four year old child, who knows the letters, but doesn't know their sounds. At the end, it was noticed that although not literate yet the child writes from a chain of signifiers which assigns meaning. With this, the child shows know the systematicity and the writing operation linguistic process of the language.

**Keywords:** Language Acquisition, Interactionism, Writing Acquisition

**Artigo submetido para publicação em:** 18-03-2014

**Aceito em:** 28-07-2014

### REFERÊNCIAS:

BORGES, Sônia Xavier de Almeida. **Psicanálise, linguística, linguística.** São Paulo: Escuta, 2010.

\_\_\_\_\_. "A aquisição da escrita como processo linguístico". In: LIER-DEVITO, Maria

Francisca; ARANTES, Lúcia (orgs.). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem.** São

Paulo: EDUC, 2006.

ELIA, Luciano da Fonseca. **O conceito de sujeito.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.





GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1983[1953-54]), **O Seminário, livro 1**. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. **Sobre a aquisição da escrita: algumas questões**. IEL - UNICAMP, 1995, p. 1-24.

\_\_\_\_\_. **Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de câmbio**. Substratum/Artes Médicas, v 1, n.1, 1992.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1994.

REGO, Lúcia Lins Browne. "A Alfabetização numa Perspectiva Construtivista." In: BUARQUE, Lair Levi; REGO, Lucia L. Browne (orgs.). **Alfabetização e Construtivismo**: teoria e prática. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1994.

